

A COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR E A CULTURA DO CIBERESPAÇO

Jéssica de Souza Carneiro (UFPA)¹

Resumo

O presente artigo vem tratar sobre a relação da escrita com as tecnologias digitais que surgem na contemporaneidade. Como se dá essa relação? Quais os efeitos ocasionados por essas novas formas de mediação contemporâneas? Veremos que, ao se apropriar do texto enquanto manifestação do signo, a tecnologia possibilita novas configurações artísticas e estéticas que condicionam a escrita a uma forma diferenciada de expressão. O objetivo, portanto, é definir o que está inserido no que se denomina suporte digital e suas consequências para as formas de comunicar até então conhecidas, tendo como objeto de análise as relações de escrita no ciberespaço. Tendo em vista o ciberespaço, no conceito de Pierre Levy (1999), como um “mundo virtual”, não palpável, que surge da interconexão mundial de computadores e converge em si os mais diversos meios de comunicação, veremos que a escrita aí se manifesta por meio de uma textualidade eletrônica, que se dá mediante códigos específicos e implica no desenvolvimento dos chamados gêneros textuais digitais, a exemplo dos *weblogs*. Nesses espaços, todas as trocas são simbólicas e o signo se apresenta em diversas semióticas. Mediada pelo ciberespaço, a comunicação é, assim, intermediática, como no conceito de Lúcia Santaella (1996, p. 41), “a mais híbrida de todas as mídias”. Tentaremos, portanto, caracterizar a comunicação mediada por computador que se dá por meio dos e-gêneros do ciberespaço, identificando as novas características assumidas pela escrita no formato da textualidade eletrônica, a qual se organiza em torno da hipertextualidade, multilinearidade, multimidialidade e da interatividade. Tais temas aqui tratados interessarão particularmente ao entendimento de que, na era digital, tanto o acesso ao signo, quanto a sua disponibilização/circulação está mudando rapidamente.

Palavras-Chaves: Mediação, Ciberespaço, Intermídia

¹ Jéssica de Souza Carneiro é jornalista, mestre em Estudos Literários por meio do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenadora de Web e Redes Sociais da Assessoria de Comunicação Institucional da UFPA.

THE COMPUTER MEDIATED COMMUNICATION AND THE CULTURE OF CYBERSPACE

Abstract

This article treats the relationship of writing with digital technologies that arise nowadays. How is this relationship? What are the effects caused by these new forms of contemporary mediation? We will see that, by appropriating the text as a manifestation of the sign, the technology enables new configurations that affect the esthetic and artistic writing to a different way of expression. The goal, therefore, is to define what is included in what is called digital media and its consequences for the ways to communicate until known, with the object of analysis the relationships of writing in cyberspace. In view of cyberspace, the concept of Pierre Levy (1999), as a "virtual world", not palpable, which arises from the global interconnection of computers and converges itself the most diverse media, we see that the writing here is manifested through an electronic textuality, which occurs through specific codes and requires the development of so-called digital textual genres, like the weblogs. In these spaces, all exchanges are symbolic and the sign appears in several semiotic. Mediated by cyberspace, communication is thus intermediatic, as the concept of Lucia Santaella (1996, p. 41), "the most hybrid of all media." We will try, therefore, to characterize the computer-mediated communication that occurs through e-genres of cyberspace, identifying new characteristics assumed by written in the format of electronic textuality, which is organized around the hypertextuality, multilinearity, multimodality and interactivity. Such topics covered will interest particularly to the understanding that, in the digital age, both access to the sign, as its availability/movement is rapidly changing.

Keywords: Mediation, Cyberspace, Intermedia

A comunicação mediada

O mundo contemporâneo é um espaço de profusão de experiências essencialmente mediadas. Usaremos aqui o conceito de Jesus Martín-Barbero (1997, p. 262), que diz que “o campo daquilo que denominamos *mediações* é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade”. Neste cenário, os meios de comunicação figuram como

instrumentos técnicos utilizados pelos sujeitos na possibilidade de se fazerem representados socialmente como simulacros de si mesmos diante das práticas que constituem o seu viver cotidiano.

Tal possibilidade surgiu a partir de uma revolução que se concentrou no surgimento das novas tecnologias da informação que remodelaram a base material da sociedade. Se anteriormente os grupos de pessoas centravam-se nos contextos de interação face a face, agora, a tecnicidade medeia a construção de novas práticas de interatividade através das diferentes linguagens dos meios.

A Revolução Informacional ou Terceira Revolução Industrial desenvolveu-se gradativamente, desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos de 1990, e, de acordo com alguns autores, registra-se até os nossos dias (HOBSBAWM, 2003). Nesse momento, verificamos que, da feita que os processos comunicativos passam a se realizar mediante os mecanismos desse novo paradigma, “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade” (CASTELLS, 1999, p. 38).

Segundo Castells (1999, p. 49), as tecnologias da informação referem-se ao “conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (*software* e *hardware*), telecomunicações/rádiodifusão, e optoeletrônica”. Esses mecanismos possuem a capacidade de criar interfaces entre campos tecnológicos e campos sociais mediante uma linguagem digital comum, a qual tem penetrabilidade em todos os domínios da vida humana, fazendo surgir novas formas e canais de comunicação que moldam a vida e, ao mesmo tempo, são moldados por elas. Quando os indivíduos têm acesso a formas mediadas de comunicação, tornam-se cada vez mais capazes de usar uma extensa lista de opções de recursos simbólicos para construir suas próprias identidades e (re)definirem suas relações com o outro no espaço social. Lévy (1999, p. 28) afirma que:

aquilo que identificamos, de forma grosseira, como “novas tecnologias” recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um dever coletivo complexo que se cristaliza, sobretudo, em volta de objetos materiais, de programas de computador, de dispositivos de comunicação.

Pensar, portanto, a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção de informações por via dos meios técnicos há um espaço em que a cultura cotidiana concretiza-se. Tal perspectiva pode ser mais bem compreendida com Johnson (2001), o qual explica que os dispositivos de comunicação, a exemplo dos *softwares* computacionais da contemporaneidade, servem como pontes, favorecendo a interação entre os usuários desses mesmos dispositivos e formando o que se denomina de interfaces. Estas atuam como espécies de tradutores, medeiam as duas partes, e criam uma estranha nova zona entre o meio e a mensagem.

As interfaces assemelham-se, dessa forma, ao que Bhabha (1998) conceituou de “entre-lugar”: “estes ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos” (BHABHA, 1998, p. 20). O que nos leva a crer que, como a cultura, agora, é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos, são transformadas de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico.

De acordo com Castells (1999, p. 25), uma sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas. “Embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades” (CASTELLS, 1999, p. 26), de modo que:

logo que se propagaram e foram apropriadas por diferentes países, várias culturas, organizações diversas e diferentes objetivos, as novas tecnologias da informação explodiram em todos os tipos de aplicações e usos que, por sua vez, produziram inovação tecnológica, acelerando a velocidade e ampliando o escopo das transformações tecnológicas, bem como diversificando suas fontes.

A imensa maioria dessas tecnologias caracteriza-se por agilizar, horizontalizar e tornar menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes, transmissão e distribuição das informações, sejam estas em formato de texto, imagens, vídeo ou som. Como afirma Lévy (1999, p. 51), “A

comunicação continua, com o digital, um movimento de virtualização iniciado há muito tempo pelas técnicas mais antigas, como a escrita, o rádio, a televisão e o telefone”.

A Internet e a formação do ciberespaço

Com o advento dos computadores em 1945, inicialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, a comunicação ganha um novo instrumento de mediação, uma nova interface. E, com o desenvolvimento das redes interativas, esse novo sistema de comunicação baseado em interfaces promove “a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens da nossa cultura” (CASTELLS, 1999, p. 22). Nas palavras de Castells (1999, p. 431), “a Internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores: é a rede que liga a maior parte das redes”. E complementa: “Do mesmo modo que a difusão da imprensa no ocidente deu lugar ao que McLuhan denominou de ‘Galáxia de Gutemberg’, entramos no novo mundo da comunicação: a Galáxia Internet” (CASTELLS, 2001, p. 16).

A INTERnational NETwork (rede internacional) tem seu surgimento coincidente com o período no qual o mundo passava por um momento de tensão constante em decorrência da Guerra Fria, na década de 1970, de forma que, inicialmente, os projetos de redes mundiais eram concebidos e executados por organismos ligados aos setores militares. A troca de informações ocorria através do meio virtual, sendo a virtualidade entendida como a possibilidade de comunicação em tempo real, possibilitada por um sistema complexo de interação e divulgação de informações, interligado pelos computadores e, estes, interconectados em redes (CASTELLS, 2001).

Posteriormente, a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA) passou a investir na criação de *backbones* – redes capazes de lidar com grandes volumes de dados cujo processamento da informação é feito por canais de alta velocidade, como redes de fibras óticas, canais de satélite, etc. –, aos quais se ligavam redes menores obviamente com menor poder de armazenamento de informações (CASTELLS, 2001). A partir daí, houve uma ampliação no uso da rede, que se tornou acessível a outros setores da sociedade, sendo a informação a matéria-prima e a Internet o seu principal instrumento mediador, um meio de comunicação com sua própria lógica e linguagem.

Esse foi o caminho que levou à formação da rede de alcance mundial, a *World Wide Web* (WWW), como hoje a conhecemos: “uma função da Internet que junta em um mesmo hipertexto ou hiperdocumento, todos os documentos e hipertextos que a alimentam” (LÉVY, 1999, p. 27), atingindo a categoria de hiper ou multimídia. Ou, de forma mais detalhada:

um sistema de interconexão e de pesquisa que tem a capacidade de transformar a Internet em um hipertexto gigante, independente da localização física dos arquivos de computador. Na *Web*, cada elemento de informação contém ponteiros, ou *links*, que podem ser seguidos para acessar outros documentos sobre assuntos relacionados. A *Web* também permite o acesso por palavras-chaves a documentos dispersos em centenas de computadores através do mundo, como se esses documentos fizessem parte do mesmo banco de dados ou do mesmo disco rígido (LÉVY, 1999, p. 109).

Desenvolvida em 1989 por Tim Berners-Lee, a *Web* permitiu com que a Internet deixasse de ser apenas uma rede de comunicações e troca de arquivos tornando-se um meio para a descoberta e exploração de informações muito simples de ser utilizada:

uma rede flexível formada por outras redes onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam os próprios sítios (*sites*), que servem de base para que todos os indivíduos com acesso possam produzir sua *homepage*, feita de colagens variadas de textos e imagens (CASTELLS, 1999, pp. 439-440).

E essa é apenas uma das implicações culturais do desenvolvimento das novas tecnologias digitais. Segundo Castells (1999, p. 414), o surgimento desse “novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura”. Em um sentido mais amplo, é a esse novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores através da Internet que chamamos de “ciberespaço”.

O ciberespaço é a própria interface, é a materialização virtual do entre-lugar comunicativo, que alimenta a cibercultura (LÉVY, 1999). O termo especifica não apenas a infraestrutura física da difusão digital, “mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”, conforme explica Lévy (1999, p. 17). Por meio do computador ligado à Internet, o ciberespaço assegura e reforça o seu papel de mediador simbólico das manifestações culturais e sociais no contexto histórico contemporâneo.

Sob as regras que determinam o ciberespaço, a comunicação mediada por computador tende, assim, a utilizar uma linguagem e uma dinâmica próprias que exigem dos usuários uma unificação, ao mesmo tempo em que essa mesma modalidade de comunicação permite uma nova capacidade multilateral de divulgação de informações, a qual ocorre de “todos para todos”, sem distinções claras entre emissores e receptores. Enquanto na chamada mídia tradicional o que se percebia era justamente a unidirecionalidade das mensagens dos produtores para o público, com poucas possibilidades de interatividade, no ciberespaço, por exemplo, Lévy (1999) identifica um diálogo mútuo entre vários participantes.

De fato, os computadores aumentaram a capacidade de agir e de comunicar dos indivíduos durante os anos de 1980 do século XX, os quais viram o prenúncio do horizonte contemporâneo da multimídia. E, “quanto mais as mídias se multiplicam mais aumenta a movimentação e interação ininterrupta das mais diversas formas de cultura, dinamizando as relações entre diferenciadas espécies de produção cultural” (SANTAELLA, 1996, p. 31).

Nesse sentido, podemos utilizar a conceituação de redes intermídias, formulada por Lúcia Santaella (1996, p. 41), a fim de caracterizar a comunicação que se realiza mediante o ciberespaço, enquanto constituinte de uma “espécie de mídia altamente absorvente, a qual pode trazer para dentro de si qualquer mídia e qualquer outra forma de cultura”. Se antes era a TV que assumia esse papel, agora, é o ciberespaço, na lógica da comunicação mediada, que admite esse caráter antropofágico, “a mais híbrida de todas as mídias” (SANTAELLA, 1996, p. 47).

Da mesma forma, Lévy mostra-nos que “o computador não é apenas uma ferramenta a mais para a produção de textos, sons e imagens, é, antes de mais nada, um operador de virtualização da informação” (LÉVY, 1999, p. 57). Ele permite à sociedade

encontrar um novo meio de se relacionar e debater questões pertinentes a todos de forma direta, porém, não face a face.

E, sobre as redes virtuais, podemos citar também Canclini (2008, p. 54), o qual, a título de complementação, explica que a virtualização “altera os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou, talvez, imaginá-lo”. Para o autor, o universo digital incrementa, além disso, o intercâmbio de livros, revistas e espetáculos e, acima de tudo, cria redes de conteúdos e formatos elaborados a partir da movimentação midiático-eletrônica, a qual também reorganiza os modos de acesso aos bens culturais e as formas de difusão de mensagens.

Temos, assim, uma ideia do ciberespaço como o conjunto de redes virtuais de telecomunicações criadas com o processo digital de circulação de informações. Nas palavras de Lemos (1993, p. 13), “o ciberespaço é um ‘espaço’ não físico ou territorial que se compõe de um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (sob as mais diversas formas) circulam”. Essa descrição, muitas vezes, é associada à metáfora da teia que liga todas as informações disponíveis no planeta.

Mas a analogia que melhor descreve o ciberespaço é a que o compara com a estrutura do rizoma, de Deleuze e Guattari (1995), uma vez que a dinâmica cultural do desenvolvimento das redes de computadores e seu crescimento exponencial remetem à visualização de um “organismo” complexo, interativo e auto-organizante.

Alguns princípios elencados por Deleuze e Guattari (1995) favorecem a comparação do ciberespaço com o rizoma. De acordo com os autores, sendo o rizoma a extensão ramificada de uma planta – que se desenvolve em hastes subterrâneas e, muitas vezes, concretiza-se em bulbos e tubérculos associados entre si mediante raízes e radículas – caracteriza-se principalmente pela capacidade de criar conexões encadeadas e heterogêneas. Da mesma forma, no ciberespaço, “cadeias semióticas de toda a natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos [...], colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também o estatuto de estados de coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

A este princípio somam-se o da multiplicidade, que sintetiza a inexistência de unidade no ciberespaço e revela a autonomia das partes em relação ao todo que o configura; da ruptura a-significante, que se refere à capacidade do rizoma (e do ciberespaço) de ser rompido e depois retomado em qualquer ponto de sua estrutura sem

perder sua totalidade; da cartografia e da decalcomania, que definem que o rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo, ou seja, não começa e nem conclui, mas permanece entre as coisas como um *intermezzo*.

Ainda segundo Deleuze e Guattari (1995), uma das características mais importantes do rizoma, assim como do ciberespaço, talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas, materializadas pelos *links* do hipertexto. E, conforme explica Lévy (1999, p. 58), “cada qual entra nesta ‘navegação’ [neste mapa, ou ainda, nesta teia] de acordo com os assuntos de seu interesse, caminhando de forma original na soma das informações”.

Gêneros Textuais Digitais: o caso dos *weblogs*

Na *Web*, as práticas literárias ganham contornos compatíveis com as possibilidades virtuais, assumindo características próprias, de modo que podemos, hoje, falar na configuração do que chamamos de gêneros textuais digitais, uma modalidade da escrita que vem potencializada pelo universo eletrônico.

Uma das maiores mudanças trazidas pela Internet é justamente a presença dessa textualidade diferente, própria da informática, quando a escrita cria as suas próprias regras para se adequar ao meio no qual circula. Araújo et. al. (2007, p. 36) afirmam: “a Internet gera novas formas de usar a linguagem, suscitando novos gêneros, inclusive, inimagináveis até sua criação”. Isso acontece porque, apesar de possuir particularidades, a textualidade eletrônica reúne em si características dos mais diversos meios e formatos.

É nesse contexto em que a Internet se caracteriza como hipermídia que figuram os gêneros textuais digitais, categoria na qual se inclui o *e-mail*, os fóruns de discussão, os canais de notícias, a recente telefonia, etc. (MARCUSCHI et. al., 2010), que se apresentam como espaços de livre circulação e expressão, a exemplo também dos *weblogs*, interfaces que permitem a manutenção de diários pessoais na rede, onde se pode encontrar escritas autobiográficas ou qualquer outra prática literária, uma vez que são caracterizados principalmente por possibilitarem a livre expressão (em aspectos temáticos, morfológicos e lexicais), onde diferentes atores desempenham diferentes papéis, produzindo o sentido em conjunto.

No caso brasileiro, podemos citar a experiência do escritor Mário Prata, que escreveu a comédia policial *Anjos de Badaró*, ao longo de seis meses, pela Internet – através do site <<http://www.marioprataonline.com.br/>>, que tinha o formato de um *blog* e era hospedado no domínio do portal [Terra](#). A cada dia, Prata escrevia um capítulo que se associava a seções de comentários em que se liam sugestões *online* de leitores virtuais ávidos por uma chance de interferir no enredo. Os leitores podiam, inclusive, participar em tempo real desse processo de produção, acompanhando imagens de Prata em seu computador transmitidas por uma *webcam*. A história também foi publicada em livro no ano 2000 pela editora Objetiva.

Hoje, com a profusão de gêneros textuais digitais que surgem com a popularização do uso da Internet, as possibilidades de manifestação da narrativa em hipertexto atraem uma infinidade de pretensos “escritores”. Ao mesmo tempo, essas possibilidades, seja por meio de *blogs* ou outras interfaces, são tantas que a experiência da leitura também se encontra cada vez mais dispersa em variações e fragmentações a tal ponto que toda leitura produz uma história diferente porque diferentes são as conexões feitas pelos leitores a partir dos *hiperlinks*.

Sobre essa perspectiva, Lajolo e Zilberman (2009, pp. 34-35) chamam atenção ao fato de que, ao mesmo tempo em que o escritor vive a condição de leitor, “pois a tela devolve-lhe o escrito que se desenrola à sua frente”, eletronicamente, o leitor é também o escritor de sua própria trilha de leitura, uma vez que, convertido em internauta, “o processo de navegação o introduz, por força dos vínculos e do acesso a incontáveis *sites*, percorre caminhos inusitados que nem sempre retornam ao ponto de partida”. E Johnson (2001, p. 94) complementa: “em nenhum lugar isso é mais visível do que na própria *World Wide Web* – agora, o grande viveiro para inovações em hipertexto”.

É esse novo e complexo modelo textual que se desenvolve eletronicamente e requer o olhar para o texto além do texto, suscitando o “prazer de desfigurar, transformar, recriar o texto” (CHAVES; SOARES, 2009, p. 172), que denominamos *webliteratura*. No centro da WWW, a escrita torna-se um hipertexto infinito, que leva o leitor à construção de um sentido dentre os vários sentidos possíveis. “Na rede, estamos livres para criar e criar enquanto lemos e escrevemos e, ao mesmo tempo, participando da escritura, existindo dentro dela” (CHAVES; SOARES, 2009, p. 173). Segundo Chaves e Soares (2009, pp. 171-172), nesse momento, “mais do que nunca se fala em

leitura ativa: nos inúmeros gêneros eletrônicos, em que o texto parece pedir ao leitor para ser interrogado, manipulado, reescrito, vivido”.

Assim, podemos afirmar que o tipo de escritura e de comunicação que prospera na Internet é o que está relacionado com a liberdade de expressão em todas as suas manifestações, de modo que um dos maiores desafios para os estudos literários trazidos pelas novas tecnologias é a emergência de novos gêneros, como os que observamos surgir no meio eletrônico, em que:

a escrita e a leitura trocam seus papéis. Aquele que participa da estruturação de um hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, aquele que atualiza um percurso, ou manifesta determinado aspecto da reserva documental contribui para a redação, finaliza temporariamente uma escrita interminável. Os cortes e remissões, os caminhos de sentidos originais que o leitor inventa podem ser incorporados à própria estrutura do corpus. Com o hipertexto, toda leitura é uma escrita potencial (LÉVY, 1999, p. 64).

Nesse contexto, podemos dizer que a Internet permite que o esquema composicional dos gêneros eletrônicos se dê com base na estruturação interna determinada pela atividade interativa em que ele é usado. Sua composição hipertextual é concebida por seus usuários mediante a obediência a uma dinâmica própria realizada em momentos interativos distintos. No caso dos *blogs*, observamos um gênero textual suportado pelo universo digital da *Web*, onde os *posts* são seus eventos comunicativos, com a finalidade de materializar um determinado discurso eletrônico, que ocorre na dimensão do domínio midiático.

Araújo et. al. (2007) apontam que o meio acrescenta aos gêneros da *Web* propriedades singulares em termos de produção função e recepção da escrita. Da mesma forma compreendem Marcuschi et. al. (2010), para quem as inovações culturais e o uso de novas tecnologias são determinantes ao desencadeamento de transformações nos gêneros antigos e surgimento de novos. “Além disso, uma vez que cada cenário da rede acessa os textos de um modo particular, explorando os recursos próprios do hipertexto (*links*), os papéis de autor e leitor também diferem bastante em relação aos papéis convencionais” (ARAÚJO et. al., 2007, p. 117). Os modos de escrita e leitura

tradicionais, com a Internet, veem-se, então, inseridos no modo que, agora, denomina-se de navegação, o qual se relaciona com o caminho textual percorrido *online* pelos usuários da rede.

Marcuschi (2010) define alguns parâmetros que servem para caracterizar tais gêneros emergentes levando em consideração o formato da comunicação mediada por computador, quantos e como os participantes interagem nesse ato comunicativo e o tempo de interpelação e resposta (síncrono ou assíncrono), ou seja, o quanto dura o envio ou a espera pelas mensagens e sinais gerados em tal comunicação, bem como a riqueza e a variedade desses sinais (texto, som, imagem, etc.). Para a classificação, o autor observa ainda “a composição (aspectos textuais e formais) da mensagem trocada, o tema (natureza dos conteúdos, funções e profundidade) e o estilo (aspectos relativos à linguagem, seus usos e usuários)” (MARCUSCHI, 2010, p. 39).

Dentre as características comuns à maioria dos gêneros textuais digitais, Marcuschi (2010) lista a alta interatividade estabelecida entre os participantes da comunicação mediada; a interação de recursos semiológicos possibilitados pelo caráter multimídia do meio virtual (inserção de elementos visuais no texto, como imagens, fotos e sons); a descontração, a informalidade, como também a monitoração fraca da linguagem, “tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação” (MARCUSCHI, 2010, pp. 39-40). *Blogs* e *e-mails*, por exemplo, estão carregados dessas características, embora cada gênero tenha suas especificidades.

Marcuschi (2010) lista um a um os parâmetros que identificam cada um dos doze² gêneros textuais digitais que estuda em sua pesquisa, mas interessa-nos como exemplo apenas as características do e-gênero *weblog*.

Para Marcuschi (2010), o que define o *blog* como um e-gênero é a sua capacidade de gerar uma relação temporal assíncrona entre seus múltiplos participantes, isto é, quando a transmissão de dados ocorre em intervalos de tempo irregulares e envolve mais de duas pessoas na interação; e de gerar um produto de comunicação (mensagem) que tem permanência indefinida na rede, uma vez que o texto publicado em

² Marcuschi (2010, pp. 41-42) toma como gêneros textuais digitais para análise: (1) *e-mail*; (2) *chat* aberto; (3) *chat* reservado; (4) *chat* agendado; (5) *chat* em salas privadas; (6) entrevista com convidado (que também ocorrem em *chats*); (7) *e-mails* educacionais; (8) *aula-chat*; (9) videoconferência interativa; (10) listas de discussão; (11) endereço eletrônico; (12) *blogs*.

um *blog* fica *online* por tempo indeterminado, arquivado em *bytes*³ para livre acesso até que o usuário cancele o *blog* ou que o seu servidor apresente alguma falha. Tal mensagem, de tema livre e estilo informal, normalmente, é apresentada em formato de texto corrido, algumas vezes acrescida de sons e imagens, mas sempre associada a *links* hipertextuais.

Trata-se de um gênero preexistente, o diário íntimo, que, ao ser transmutado para o novo ambiente virtual da *Web*, assume novas características mediante os recursos das tecnologias digitais e reinventa antigas práticas de escrita e de leitura. Por exemplo, se, anteriormente, os diários íntimos eram produzidos em segredo – com textos escritos para não serem lidos, a não ser por seus próprios autores –, na rede, por meio dos *blogs*, eles se tornam totalmente públicos. Aliás, ser de domínio público é a característica mais marcante desse e-gênero, uma vez que o autor tem liberdade para criá-lo e utilizá-lo para veicular qualquer tipo de mensagem. Como nos diários cujo suporte era de papel, em que os autores colavam fotografias ou outros materiais, os *blogs* também podem funcionar a exemplo de um grande sistema de colagem, mas, agora, o meio em que circula – a Internet – suporta a veiculação não só de fotos, como ainda de músicas e vídeos.

Atualmente, os *blogs* já ultrapassaram a categoria de diários íntimos e têm se tornado espaço aberto para as mais variadas experiências, literárias ou não. Existem *blogs* pessoais, nos quais a linguagem utilizada é informal e espontânea, mas também há aqueles que se utilizam do espaço, na maioria das vezes, gratuito, como canal para “expressões retóricas mais formais com alto grau de requinte e pretensões literárias” (MARCUSCHI, 2010, p. 73).

A verdade é que, quanto mais popular na rede, os *blogs* estão cada vez mais diversificados no que consiste aos temas que os motivam: música, moda, poesia, contos, crônicas, cinema, culinária, jornalismo, religião, política, arte... A blogosfera incha diariamente e os assuntos ficam a critério do blogueiro, o qual não precisa se prender a

³ Um *byte* é um dos tipos de dados integrais em computação. É usado com frequência para especificar o tamanho ou quantidade da memória ou da capacidade de armazenamento de um computador, independentemente do tipo de dados armazenados. A codificação padronizada de *byte* foi definida como sendo de 8 *bits*. O *bit* (simplificação para dígito binário, *binary digit* em inglês) é a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Byte>> e <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bit>>. Acesso em: 18 fev. 2011.

nenhum padrão textual, a não ser o hipertextual, que já é, por natureza, de origem híbrida.

Quanto às práticas de leitura que são reinventadas com o e-gênero *blog*, estão associadas ao potencial de interatividade proporcionado pelo hipertexto, em que o leitor, por meio do *click do mouse no link* desejado, de forma autônoma, opta por qual trilha de leitura deseja seguir. Além disso, qualquer *blog* tem uma abertura para receber comentários, prevendo a possibilidade de vários sujeitos empregarem a primeira pessoa em situação de diálogo e socialização da comunicação.

Se antigamente, quando apenas existia o suporte de papel, o contato entre o público de uma narrativa poderia se dar somente por carta ou por reuniões presenciais, com o ciberespaço e a Internet, essa interação ocorre de forma *online*: o leitor pode interagir com o autor, com outros leitores, elogiar, sugerir, opinar e criticar o que leu durante ou imediatamente após a leitura, isto é, em tempo real, o que instaura um novo processo de comunicação: a comunicação mediada pelos e-gêneros do ciberespaço.

Conclusão

Diante do exposto, em síntese, podemos dizer que o ciberespaço permite a combinação de vários modos de comunicação e, ao mesmo tempo, configura-se como um único mundo virtual, imenso, infinitamente variado e permanentemente modificável. E como não notar que a Internet, hoje, está por toda a parte? Desde *lan houses* ou *cibers* até terminais gratuitos ou pagos disponíveis em *shoppings*, aeroportos, lanchonetes...

Trata-se de um fenômeno contemporâneo, que torna o computador tão essencial que o desenvolvimento das tecnologias tem trabalhado em alternativas para facilitar ainda mais a portabilidade do suporte, com o lançamento de *laptops*, *netbooks*, *palmtops*, *smartphones* e *tablets*, dentre várias outras ferramentas que tornam a entrada na rede muito mais imediata, fazendo da experiência virtual cada vez mais “real” e instantânea.

Esse espaço de mediação por excelência produz um contínuo entrelaçamento de diferentes formas de experiência, uma mistura que torna o dia a dia de muitos indivíduos hoje bastante diferente do experimentado por gerações anteriores. O ciberespaço está transformando a sensibilidade e os modos de expressão. Em meio a

essa nova cultura, a cibercultura, encontramos códigos que nos unificam, ou que ao menos permitem que nos entendamos.

Podemos dizer com Lévy (1999, p. 224), por exemplo, que o desenvolvimento do ciberespaço alterou os modos de relação interpessoal, uma vez que permite a “comunicação interativa e comunitária de todos com todos no centro de espaços informacionais coletivamente e continuamente reconstruídos”; modificou os modos de conhecimento, de aprendizagem e de pensamento, criando “simulações, navegações transversais em espaços de informação abertos e de inteligência coletiva”; e ainda teve efeitos sobre os gêneros literários e artísticos, visto que os hipertextos, as obras interativas e os ambientes virtuais oportunizam um novo espaço para a manifestação da cultura.

O próprio autor afirma: “qualquer um (grupo ou indivíduo) pode colocar em circulação [no ciberespaço] obras ficcionais, produzir reportagens, propor suas sínteses e sua seleção de notícias sobre determinado assunto” (LÉVY, 1999, p. 248). A cada novo uso, “novas formas de escrever imagens, novas retóricas da interatividade são inventadas” (LÉVY, 1999, p. 248), de modo que a emergência do ciberespaço tem hoje um efeito tão radical sobre a pragmática das comunicações quanto, em seu tempo, teve a invenção da escrita.

Além disso, a breve descrição que fizemos dos *weblogs* permitiu-nos visualizar quais são, de um modo geral, as principais características de um gênero eletrônico, a saber a hipertextualidade, a multilinearidade de escrita e de leitura, a multimídia e a interatividade. “Tudo indica que está se constituindo um novo formato de escrita” (MARCUSCHI et. al., 2010, p. 77), e, a Internet potencializa os usos dessa nova forma de linguagem a partir dos recursos tecnológicos oportunizados pelas características do meio, onde o signo apresenta-se marcado por explorações criativas e engenhosas.

Bibliografia

- ARAÚJO, Júlio César (org). **Internet e Ensino, novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BHABHA, Homi k. **O Local da Cultura**. Trad. De Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A Galáxia Internet**: reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade. Trad. Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- CHAVES, Lilia Silvestre; SOARES, Izabel Cristina Rodrigues. Leitor e autor na era da textualidade eletrônica. In: SALES, Germana; FURTADO, Marli (Orgs.). **Linguagem e identidade cultural**. João Pessoa: Idéia, 2009. p. 165-174. ISBN 978-85-7539-464-9.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- HOBBSAWM, Eric J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- JOHNSON, Steven. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Trad. Maria Luísa Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Das entrelinhas do texto ao hipertexto on-line. In: _____. **Das tábuas da lei à tela do computador** – As leituras e seus discursos. São Paulo: Ed. Ática, 2009.
- LEMONS, André. A Estrutura Antropológica do Ciberespaço. In: **Textos**, nº 35. Facom/UFBA, julho 1993.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alvides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.